



Odete Fátima Machado da Silveira  
Pesquisadora III-Recursos Aquáticos  
Centro de Pesquisas Aquáticas/Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá-IEPA

### Introdução

O adágio popular diz que "o tempo é o melhor remédio...". Podemos analisar o tempo como remédio para as dores da alma, mas também podemos analisar o tempo de acordo com as modificações do ambiente e dos costumes das comunidades onde vivemos. Isto é particularmente verdadeiro no Arquipélago do Bailique que é o retrato das modificações sócio-ambientais ocorridas no último século, especialmente na região amazônica, onde, às vezes, para quem não conhece, o tempo parece ter parado, mas para quem aqui vive, o tempo voou e levou muitos sonhos. A memória desses tempos está armazenada na experiência de vida de muitas pessoas de mais de 40 anos e a manutenção dessa memória está relacionada com transferência oral dessas experiências, com a escola, e com a formação e informação da infância e da juventude cuja missão é a cidadania plena, pela valorização de suas origens e a internalização de suas "raízes". O projeto apelidado de **JOVENS PESQUISADORES DO ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE** buscou na memória da "melhor idade" os relatos das experiências de vida e identificou o sentimento amargo de quem abriga uma mente ágil enquanto o corpo já não responde com a mesma agilidade, e, a mágoa pela pouca valorização do seu conhecimento pelos jovens. Hoje, os **Jovens Pesquisadores** buscam os idosos e se surpreendem com a riqueza de sua sabedoria.



"...No verão, a gente cortava a seringa, que agora cresceu de novo. Não havia zoadá de motor, só a vela. Não havia escola na comunidade. A escola era na boca e tinha 150 alunos para uma só professora. O horário da aula era de 7 e meia até as três da tarde. Os alunos vinham até do Jaburú, Jangada. Hoje em dia, só falta pegar os alunos no colo. Antigamente era na Pátria Amada, remava. Aprendiam tudo, até serrar madeira em prancha. Hoje, o tempo tá bom. A ilha do Meio não existia há 87 anos. Teve muitas mudanças nos canais e praias. Do mesmo jeito que crescem as ilhas, elas desaparecem. Só tinha o Curuá, Brigue e Faustino, nem a do Parazinho existia. Antigamente se traziam sacos de

ovo de tartaruga da Ilha do Parazinho, que cresceu e depois se destruiu e cresceu novamente. Tinha uma casa na ilha, do Sr. Jango Rocha, que perdeu um filho lá, que morreu na destruição da casa durante uma tempestade. No início, era só aturiá e cortiçal. Depois cresceu uma praia com junjal-cortiçal-siriubal e açai. Agora tem pracúba, ucuúba, seringa, pracaxi, andiroba e muitas outras, cacau, cacauí. Tem muita cobra e não tem soro, nem posto. A gente só se vale dos remédios caseiros".  
**Dona Lucila, 89 anos, Buritizal – I Ciclo de Seminários do Setor Estuarino-2001.**

"Eu, Daniele, estou morando há 16 anos no Bailique e nunca tinha parado para conversar com os idosos para saber como era antigamente e nem me dava conta do que acontecia no Bailique. Minhas experiências com entrevistas foram maravilhosas. É tão legal a gente sentar com uma pessoa idosa e ter uma conversa que elas falam com um jeito amoroso e a gente sente que eles ficam felizes quando alguém se interessa em saber como era antigamente."

**Daniele Mira Rocha, Jovem Pesquisadora. Vila Progresso-Caderneta de Campo-2003.**



### OS RITMOS

"...o marcador, ele batia a mão assim e dizia **"ergue o primeiro salto e levanta o quarto, ai quem dança não senta e quem senta não dança meus irmãos"**, ai dizia **"dama e cavalheiro, só dama"**, quando ele dizia dama e cavalheiro, esse daí passava pra cá e esse daí passava pra ali, ele rodava. **Dona Rosa Santana Amanajás, 76 anos. Vila Progresso. (Resgate Histórico, 2002).** .....a do maçariquinho é **"maçariquinho da beira da praia como é que a mulher levanta a saia é assim, é assim, é assim o lêlê, é assim que a mulher levanta a saia"** e ai vai levando. **Dona Carmina Santana, 74 anos. Vila Progresso. (Resgate Histórico, 2002).**

"...o coatá já esqueci, meu neto que já sabe que eu cantava pra ele, ai eles cantam". **Dona Rosa Santana Amanajás, a direita, 76 anos. Vila Progresso. (Resgate Histórico, 2002).** "...é assim **"a Jesus coroa tá, já não posso mais dançar, minha perna já tá fina de tanto dançar coatá** (risadas). Tudo isso a gente dançava e cantava". **Dona Carmina Santana, a esquerda, 74 anos. Vila Progresso. (Resgate Histórico, 2002).**



### A ECONOMIA E SEUS VESTÍGIOS

".....o caroço era o de muru-muru, que nesse tempo o comércio comprava e quebravam para levar a semente para fora, parece que era óleo, que fazem óleo de mesa, nós juntamos muito quando éramos crianças, eu e meus irmãos. Castanha nós juntávamos e cozinhávamos de quarenta, trinta caixas de castanha para tirar o óleo. **Dona Maria Lopes dos Santos (Resgate Histórico, 2002)**".  
"... quem vai por aqui atravessa entra ali naquele boqueirão, fica o Bom Jardim. Desse lado daqui, fica aquelas casinhas bem vermelhas, aonde dobra, era lá o comércio dele, até hoje tem uns tachos lá, aparece na maré seca. Bem na entrada do Igarapé do Meio, bem a pontinha tem o comércio. Ele era um comerciante desses que comprava o caroço, como a Dona Maria já disse, o caroço do muru-muru, mas era grande e trazia grandes montes, igual o manganês em Santana, vinha um naviozinho pra fazer o embarque, entrava navio ai pra fazer o embarque desse caroço. Isso era exportado, e não se sabe pra onde. **Sr. Erundino Lopes dos Santos, 67 anos. Livramento do Bailique. (Resgate Histórico, 2002).**



Tacho medidor de caroços de muru-muru. Peça encontrada e catalogada pelos Jovens Pesquisadores do Arquipélago do Bailique. Vila Progresso.



### OS TALENTOS

São inúmeros os talentos encontrados nas comunidades. Boas ilustrações, histórias em quadrinhos que demonstram a sensibilidade dos autores.

No decorrer do projeto, eles se tornarão o acionados para ilustrarem os materiais que serão produzidos nas próprias comunidades.



Irmãos Marques

APOIO:



**SETEC**  
SECRETARIA DE ESTADO  
DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA



**SEED SEMAT**

**Escola Bosque do Bailique**